MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE Jo 4,39-42

Wânderson Eduardo Moraes Leite*

RESUMO

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja insistentemente recorda a importância de se estar sempre atento aos "sinais dos tempos". Entre tantos sinais que emergem no nosso tempo, o papel da mulher na sociedade e na Igreja aparece como um importante tema a ser refletido no vasto campo das ciências humanas. Abordagens filosóficas, sociológicas e bíblico-teológicas aparecem, nesse contexto, como provocações relevantes que abrem caminhos para uma nova maneira de compreender a mulher e o seu papel na sociedade hodierna. Propõe-se no presente artigo, uma reflexão sobre as mulheres na evangelização a partir de uma abordagem hermenêutica de Jo 4, 39-42 a fim de demonstrar que a imagem da mulher nas nossas comunidades cristãs deve superar o estereótipo de mulher que somente reza e preenche as assembleias litúrgicas e apresentar a imagem de uma mulher protagonista na evangelização e capaz de ser um sinal transformador no meio em que se encontra.

Palavras-chave: Mulher. Evangelho segundo João. Evangelização.

1 Jo 4,39-42: uma cidade transformada por causa de uma mulher

O texto escolhido para a perspectiva abordada neste artigo é o de Jo 4,39-42. Trata-se de um pequeno texto inserido dentro de uma perícope maior que compreende o relato do encontro de Jesus com a mulher Samaritana no poço de Jacó. A perícope em questão trata da consequência da evangelização da mulher samaritana entre os habitantes da Samaria como se pode conferir a seguir:

> [39]Muitos samaritanos daquela cidade creram nele por causa da palavra da mulher que testemunhava: "Ele me disse tudo quanto fiz". [40]Quando os samaritanos chegaram junto dele pediam-lhe que permanecesse com eles. E ele permaneceu ali dois dias. [41]E foram mais numerosos os que creram por causa da palavra dele, [42]e diziam à mulher: "já não é pelo que falaste que cremos. Nós mesmos o ouvimos e abemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo".

* [1]Padre diocesano da Diocese de Afogados da Ingazeira – PE. Cursou filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Olinda e Recife – IFTAOR; Bacharelado em teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Curso de extensão em liturgia pela Faculdade Católica do Cariri; Discente do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Contato eletrônico: eduardo_sje.moraes@hotmail.com.

Dois aspectos devem ser considerados na referida perícope: primeiro deve-se destacar a atitude da mulher que vai até os conterrâneos falar do encontro com Jesus e da experiência que teve com ele. Esse fato aparece explícito em versículos anteriores Jo 4,28-30, mas de modo indireto é narrado na perícope em questão no v.39 onde se lê que por causa da palavra da mulher muitos samaritanos acreditaram em Jesus.

O segundo aspecto a ser considerado refere-se à abertura dos samaritanos em relação ao testemunho de uma mulher, já que a credibilidade em relação aos testemunhos dado por mulheres não era algo comum. A mulher samaritana, embora não seja a causa principal da experiência de fé dos samaritanos em relação a Jesus, foi um canal importante para que isso acontecesse.

Essa perícope constitui um dos vários textos do Evangelho segundo João em que é possível perceber a importância da mulher para a comunidade joanina. O Quarto Evangelho apresenta mulheres como protagonistas de sinais importantes para a cristologia e que refletem, conseqüentemente, na eclesiologia como é o caso da profissão de fé feita por Marta em Jo 11,27, a unção (de caráter messiânico) feita por Maria, a irmã de Marta em Betânia Jo 12, 1-7 e o próprio relato da ressurreição onde o anúncio magno é confiado à Maria Madalena Jo 20,1-2.11-18. O relato da mulher samaritana ajuda a provocar nossas comunidades a repensar o papel da mulher a partir das primeiras comunidades cristãs. Enquanto a tendência da pregação eclesiástica é projetar nos discípulos, e de modo especial nos apóstolos, a missão evangelizadora e olhar para as mulheres apenas como piedosas servas, a hermenêutica feminista nos convida a uma releitura dos evangelhos a partir do protagonismo das mulheres como se pode constatar a partir da reflexão a seguir:

> Quanto ao papel e ao lugar das mulheres nos Evangelhos, a influência da pregação da Igreja nos ordenou expressamente que deveríamos vê-las como “servas”, auxiliares e “ajudantes do homem”, de pleno acordo com a definição de Eva, conforme o Gênesis: “uma auxiliar que convenha ao homem”. No entanto, os próprios evangelhos nos ensinavam que, morto e ressuscitado, Jesus apareceu a mulheres, principalmente a Maria de Mágdala, encarregada de ser sua mensageira junto dos discípulos (GANGE, 2007, p. 7).

A mulher samaritana dá início a um processo de transformação na sua cidade por causa da sua coragem em testemunhar sua experiência de encontro com Jesus e a cidade se deixa transformar a partir da acolhida desse anúncio. Muitas comunidades cristãs são transformadas por causa da ação evangelizadora de

mulheres corajosas, como a mulher samaritana, que insistem em levar a diante a boa nova da chegada do Messias e da salvação que essa chegada traz.

2 A mulher evangelizadora: um sinal para os tempos atuais

Se nas primeiras comunidades cristãs as mulheres podiam se tornar importantes evangelizadoras, como se pode cogitar a partir da figura da mulher samaritana da perícope abordada neste artigo, nos tempos atuais as mulheres têm se apresentado cada vez mais como discípulas e missionárias comprometidas com a evangelização.

O protagonismo da mulher na sociedade cruzou os batentes da Igreja de modo que suas lutas por direitos e conquistas de lugares até então reservados apenas aos homens também refletiram na instituição eclesiástica, e não poderia ser diferente. Em nível eclesiástico, pode-se dizer que o espaço para as mulheres na Igreja toma impulso com o Concílio Vaticano II. Em 2017 a Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC) apresentou uma reflexão sobre o contexto da Igreja após os 50 anos do Concílio Vaticano II no qual é possível ler:

> O Concílio Vaticano II abriu para as mulheres a possibilidade de estudar a teologia (AA 32)[2] e de se dedicar a ministérios eclesiais oficialmente hierarquizados (LG 33)[3]. A crítica feminista da Bíblia e uma teologia feminista construtiva nos ajudaram a compreender como as abordagens não críticas da Revelação podem conduzir a teologias inautênticas que servem para circunscrever o papel das mulheres e excluí-las de certas perspectivas (2017, p. 68-69).

As mesmas mulheres que estão nessas lutas são as que compõem nossas assembleias litúrgicas, estão nas lideranças dos nossos movimentos e pastorais e até na liderança de comunidades inteiras. O alcance dessas mulheres é imenso. Elas são donas de casa, mães de família, esposas, filhas, amigas e estão nos diversos setores da sociedade e podem atuar em todos eles como agentes evangelizadoras muito importantes. Entretanto, há que se considerar que mesmo com toda a abertura proporcionada pelo Concílio ainda existe muita resistência e limitação em relação a atuação das mulheres no campo eclesiástico podendo identificar alguns desafios e perspectivas em relação a atuação das mulheres no

[2]Decreto *ApostolicamActuositatem*.
[3]Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

campo da evangelização hoje. Entre esses desafios e perspectivas pode-se destacar as seguintes:

Em primeiro lugar, os resquícios de uma concepção patriarcal das organizações sociais e religiosas fruto de uma interpretação perigosa da Sagrada Escritura e dos fenômenos sociais e o clericalismo que tende a diminuir a importância dos ministérios exercidos pelas mulheres na Igreja quando comparados ao ministério exercido pelos que receberam o sacramento da Ordem.

Embora quando se fale sobre o lugar da mulher na Igreja polemize-se a abordagem a partir do sacramento da Ordem, constata-se que mesmo entre as mulheres não existe uma busca nesse sentido, mas a busca por uma valorização maior dos ministérios que já exercem. O clericalismo é um perigo não só para as mulheres, mas para todos os leigos e não se resolve o problema do clericalismo clericalizando.

É notório que em muitos lugares os próprios leigos demonstram mais atenção e valor a um ofício desempenhado por um ministro ordenado do que por um próprio leigo, principalmente quando são leigas a exercerem determinado ofício, mas isso constitui um desafio para as próprias igrejas particulares ou dioceses que devem investir numa formação maior a esse respeito e abrir cada vez mais campos para a atuação das mulheres, reconhecendo sempre que possível o valor dos ministérios exercidos por elas como se pode constatar ainda na reflexão da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC):

> A contribuição das mulheres não é sempre reconhecida e valorizada. A necessidade de uma contribuição maior das mulheres no seio dos órgãos de decisão na Igreja e na sociedade é hoje largamente admitida. A plena participação das mulheres é imperativa não só para honrar os princípios fundamentais dos direitos humanos como também para que a Igreja reflita mais fielmente o plano de Deus de uma verdadeira comunhão das mulheres e dos homens no mundo (2017, p. 69).

Quanto às perspectivas em relação a atuação das mulheres nas comunidades cristãs pode-se considerar que as mulheres têm se interessado cada vez mais pelo estudo bíblico-teológico e estão assumindo tarefas que na Igreja eram reservadas apenas aos homens e, de modo especial, aos clérigos;muitas comunidades têm nascido e crescido sob a liderança de mulheres;

Os discursos das conferências episcopais alinhados aos discursos do Papa Francisco em relação ao papel da mulher na Igreja têm despertado nas

comunidades uma maior aceitação e credibilidade em relação aos ministérios assumidos pelas mulheres ainda que de modo muito tímido, mas relevante se comparado a outros tempos.

Em síntese, a mulher aparece como um importante sinal na evangelização do nosso tempo sendo uma agente evangelizadora na sua família, nos círculos de amizade, no trabalho e na comunidade eclesial precisando ser cada vez mais valorizada e reconhecida em seu serviço evangelizador e as comunidades precisam exercitar a abertura para essa evangelização dando cada vez mais credibilidade ao ministério evangelizador das mulheres.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *A Bíblia: Novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 2016. 1º reimpressão;

Cinquenta anos após o Concílio Vaticano II: teólogos do mundo inteiro deliberam. [organização] Federação Internacional das Universidades Católicas; [tradução Dinorah Gondim Borges]. 1º edição. São Paulo: Paulinas, 2017.

GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007.